

FILOSOFIAS, CRISES E HERMENÊUTICA

(Para o V Congresso Brasileiro de Filosofia, em São Paulo, 3 a 8 de setembro de 1995).

NelsonSALDANHA

(IBF de Pernambuco)

Sumário: 1. As Filosofias como Hermenêuticas. 2. Crises, Transformações e Contrastes. 3. Problemas do Século XX. 4. Hermenêutica, revisões, reinterpretações.

"Aujourd'hui la philosophie coule à pic, la science fait eau de toute part, la morale se noie" (Sartre, em 1940: Situations, I).

1. As Filosofias como Hermenêuticas. O que se chama de Filosofia, desde as alusões mais antigas e sobretudo desde Platão e Aristóteles, não corresponde a um campo muito definido de estudos. A extensão do leque de problemas abrangido pelo conceito é compensada, entretanto, pela permanência de um certo núcleo temático. À permanência deste núcleo, integrado por questões fundamentais como a do ser e a do conhecer, cabe acrescentar a constância de uma certa intenção, que se percebe como **atitude** nos filósofos realmente tais: uma atitude questionante e aberta mas abrangente e sistematizante, encontrável nos pensadores realmente identificados com o sentido da filosofia.

A permanência desses problemas e dessa intenção não impediu, contudo, que através da história a chamada Filosofia se desdobrasse em filosofias, já pela diferenciação das "escolas" e dos **modos** estruturais de filosofar, já pela formação de certos campos temáticos, como a história, a arte, a política, a linguagem. A persistência das alusões à Filosofia, que entretanto prosseguiram, coexistiu com a vigência daqueles modos específicos - cada qual pretendendo ser "a" filosofia - e dessas temáticas parciais, cada uma delas todavia suficiente para ocupar a atenção de qualquer grande filósofo.

A filosofia de fato aparece historicamente como uma hermenêutica, vale dizer, como indagação e interpretação, destacando-se do dizer afirmativo e invariável da teologia. Na verdade, esta característica se mostra mais perceptível em certos filósofos do que em outros: mais talvez nos sofistas do que em Platão, mais nos probabilistas do que em Plotino. Dilthey, em seu livro sobre as concepções do mundo, referiu-se ao surgimento do ceticismo na antigüidade como produto da incessante luta entre os sistemas filosóficos, entre si contraditórios. No Ocidente, a secularização cultural acentuou o cunho hermenêutico da filosofia, sobretudo a partir de Kant (e de sua ambivalência diante da metafísica): o filósofo das **críticas** não terá sido propriamente um pensador hermenêutico - faltava-lhe ainda o senso histórico, que Vico entretanto teve -, mas terá preparado, com sua enorme insatisfação analítica, um dos caminhos ou um dos instrumentos para o pensar hermenêutico. Os néo-kantianos, os de Marburgo sobretudo (Cassirer por exemplo), desenvolveriam esse **outillage**.

Depois de certo tempo, do romantismo sobretudo, a filosofia ocidental passou a viver de revisões e de legados históricos, e, com isto, gerou-se para alguns grandes pensadores uma ambigüidade: a fundamental referência a "fontes" literárias e a idéias anteriores, e entretanto o esforço criador em termos pessoais. Esta ambigüidade pode ser encontrada no próprio Hegel, tão criador em seu vasto esforço de invenção sistematizante e todavia tão ligado a referências históricas. Entretanto, a substituição do explicar substancializante pelo compreender problematizante, que ocorre ao tempo de Windelband perto do advento do século vinte, abre em definitivo o caminho para

a hermenêutica. Até porque Gadamer, ao explicitar, nos meados de nosso século, o estatuto da filosofia hermenêutica, aludiu às ciências sociais como constitutivamente interpretativas: e nas ciências sociais o itinerário incluiu, no final do século passado, a passagem da pretensão explicativa ao trabalho compreensivo; da terminologia cientificista à linguagem das conexões-de-sentido. As ciências sociais - que no fundo são ou implicam filosofias -, em correlação com as chamadas filosofias especiais, vêm justamente optando entre o axiomatismo positivista e o compreensivismo hermenêutico.

Em Heidegger, apesar de em sua obra acharem-se as bases da própria hermenêutica gadameriana (inclusive com as noções de horizonte e de círculo), não pensamos que tenha ocorrido sempre um modo hermenêutico de filosofar, dada a extrema concentração especulativa de sua busca ontológica, e também um certo desdém pelas referências históricas e empíricas. Mas em Ortega, onde tais referências se acham sempre presentes, o pendor pela metáfora revelava no fundo um modo hermenêutico de pensar: visão do pensar como **quehacer**, como afazer vital, e da filosofia como permanente ensaio.

Podemos, desse modo, mencionar a hermenêutica como uma espécie de "desconfiança" em relação aos tons muito afirmativos ou muito analíticos; mas não em relação às possibilidades de penetrar no real através da compreensão.

2. Crises, Transformações e Contrastes. A insistência sobre o tema da crise, recorrente durante o século vinte, terminou por ocasionar alusões à "morte da filosofia", bem como à "morte da história" e outras mortes. Estas alusões tão fúnebres se relacionam com a pretensão hegeliana de estancar o fluxo histórico com o apogeu do mundo germânico (convertida por Marx na visão da revolução socialista como último e definitivo acontecimento histórico); relacionam-se com o delírio apocalíptico de Nietzsche ao condenar os estudos históricos e postular uma adesão aos "novos valores" e ao Super Homem. Em realidade, contudo, elas têm que ver basicamente com a extensão do processo de secularização cultural, que propiciou as revisões históricas mas favoreceu ceticismos e pragmatismos; têm que ver com a transformação de um milenar pensamento ontologizante

e substancialista em uma crítica de cujas dificuldades vieram, entretanto, novas metafísicas, metafísicas pós-críticas, construídas por cima dos aparatos da crítica e alimentadas por algo que não estava no factum científico pressuposto no trabalho de Kant: o acúmulo do conhecimento histórico.

Da presença da **crítica** no caminho dessas metafísicas, e da fecundidade do conhecimento histórico, resultariam alternativas e dissidências, como na divisão dos néo-kantistas em Marburgo e Baden: uns presos aos problemas da Razão Pura, outros aos da Razão Prática. Vindo parcialmente daquela divisão, desenvolver-se-ia no pensamento contemporâneo uma diferenciação muito característica entre o pendor para a epistemologia e o pendor para a axiologia, que iria depois refletir-se de certo modo na incompatibilidade entre metodologia e hermenêutica. A construção de uma axiologia, já no século vinte (com Scheler por exemplo), implicaria até certo ponto um afastamento das árduas e conspícuas exigências da teoria do conhecimento. A distinção entre o filosofar epistemológico e o axiológico poderia comparar-se, utilizando-se uma diferença cunhada por Ortega, a uma busca das idéias e uma busca das crenças: a procura das representações, sua validade e suas "condições", ou a procura das convicções, e dos padrões que se acham dentro das formas de vida.

3. Problemas do Século Vinte. Tem sido sobradamente dito que em nosso século vêm desagüando, saturados, alguns processos históricos que haviam marcado e impulsionado o próprio início da chamada modernidade. Temos tido a saturação da vida urbana, a da dessacralização, a do racionalismo. Saturação da linguagem filosófica e do pensar sistematizante, mas também do pensar dito problematizante. Confluência de diferentes influências (como a de Nietzsche e a de Marx, ou a de Freud e a de Hegel), gerando construções efêmeras. Tivemos o surgimento da "desconstrução", quase como uma autoflagelação da filosofia, e ao mesmo tempo como uma tentativa de reexaminar por dentro a estruturação da filosofia em termos de "obra".

No meio destas coisas, que incluem relativizações e reexames, permanece a intenção de preservar a filosofia preservando

sua compatibilidade com a crítica e evitando sua identificação com o pensar dogmático. Esta terá sido, por certo, a intenção de Miguel Reale ao elaborar a sua teoria do pensar conjectural, em cuja órbita se recolocam os temas maiores da filosofia contemporânea.

Para muitos, e este problema é em grande medida uma questão terminológica, as dificuldades mais recentes da reflexão filosófica correspondem aos caracteres da chamada "pós-modernidade". Pessoalmente, consideramos dispensável esta expressão, que nada acrescenta à expressão "modernidade"; há, entretanto, algo de verdade na percepção de uma série de rupturas, diluições e saturações.

A própria multiplicação das filosofias ditas "especiais" paralelas às sociologias e às psicologias, paralelas também aos **ismos** embora constituindo um fenômeno distinto, relaciona-se com a **crise**, no que esta vem significando fragmentação e perda de unidade - tanto nas visões do mundo como nas pautas de conduta. O surgimento das filosofias especiais coincidiu, historicamente, com a quebra de certos padrões expositivos tradicionais, que vinham dos grandes modelos: referimo-nos ao modelo tratadístico esquemático e sistemático, que pode estar em escritos breves como o **Discurso de Metafísica** de Leibniz ou em obras extensas como a **Crítica da Razão Pura** de Kant ou a **Lógica** de Stuart Mill. O desdobramento das filosofias especiais alterou as relações entre a filosofia e seus temas, sua convivência com a história, com a etnografia, com a literatura, com o direito. Ao mesmo tempo, consolidava-se um certo padrão ensaístico dentro do trabalho filosófico, fazendo-o, às vezes, mais informal, mas frequentemente mais denso. Com estes processos históricos, dá-se que a filosofia, que sempre foi uma hermenêutica, assumiu mais explicitamente esta característica: retomando-se ou não a referência ao vetusto **Peri hermencias** de Aristóteles, consolidou-se na segunda parte de nosso século uma corrente filosófica expressamente designada como hermenêutica, na qual se retornam idéias como a de uma tradição intelectual e a da importância da relação do pensamento com os textos.

4. Hermenêutica; revisões reinterpretções. O que se acentua, em uma concepção hermenêutica da filosofia, é o valor da

apreensão compreensiva como conhecimento especificamente válido para as realidades humanas. A filosofia como tal não se acha nos raciocínios formais empregados na análise da linguagem, nem nos afiados gumes das distinções lógicas: acha-se na compreensão do sentido das coisas, as "coisas" como complementos ou como componentes de um **mundo** penetrado de significações; e a palavra "sentido", dada a consciente proximidade do pensar hermenêutico com os bordos genéricos das ciências humanas, vale aí também como parte da expressão "conexão de sentido", que a sociologia compreensiva veiculou e prestigiou. Uma sociologia que, nos textos de Weber e de Mannheim, não, deixou de ser, em certos pontos, filosofia social.

Mas, por dentro das seqüelas da crise, das combinações doutrinárias e dos conflitos de escola, permaneceram certos temas. Quase como chamamentos temáticos, como **Stichworten** que atestam e cobram a continuidade do pensar filosófico. No caso, certamente, temas como o do ser e do conhecer, mas também o do homem e da história, o dos valores e o da **praxis**. Apesar do desmonte tentado por Foucault, a imagem do homem segue perceptível e continua a ser fundamental. É em função dela que sabemos que o humano está em crise; e que de dentro do próprio homem saem as crises e sai a consciência delas. A imagem do homem, cujo perfil remonta ao mundo clássico, subsiste inclusive como ideal hermenêutico: ela é sempre a "medida das coisas" sendo ponto de referência para o problema do ser (e do mundo) e para o problema do conhecer.

Mas o homem se descobre, justamente sob o impacto das crises, como ser histórico. Paralelamente, o conhecimento, como afazer humano, passa a entender-se como fenômeno histórico. Sabia disso o barroco Vico, como veio a saber Dilthey, e também Croce, e Ortega, tantos outros. Com isso a filosofia se entende como realidade histórica, sem embargo do peso dos conceitos mais genéricos; sem embargo da continuidade de certos traços. Entender-se como realidade histórica significa, para a filosofia, situar como um processo temporal a formação de seus próprios conceitos (os mais genéricos, repita-se);

a formação, especificamente, da possibilidade de uma compreensão histórica de suas próprias vigências. Pois é este entendimento que a hermenêutica vem assumir e expressar, não certamente sem questionar: daí ter insistido Hans-Georg Gadamer (inclusive no conhecido ensaio sobre a "universalidade do problema hermenêutico") sobre o tema da consciência histórica, a que chamou "esta arte grandiosa de lento desenvolvimento, que nos ensina a nos criticar a nós mesmos acolhendo os testemunhos do passado".

Só que o questionamento hermenêutico não se limita a isto. A parte de "arte" que ele pode incluir e que não se acha apenas dentro do fenômeno da consciência histórica, tem de completar-se com um **modo** de pensar que não exclui a construção sistemática: pouco seria, para um pensar filosófico, perceber caracteres históricos, sem aprofundar a compreensão de seu significado, sem compreender tais caracteres dentro de uma **visão do humano**. A percepção de caracteres históricos como algo significativo tem de ser complementada com a referência àquilo que torna significativas as coisas, as históricas inclusive: isto é, a referência ao ser humano.

Daí que, ao surgir com as crises e ao aludir a elas, o pensar hermenêutico vem **situar** experiências, tendo de dispor, para isto, de um quadro histórico referível. Modernidades e pós-modernidades são alusões com as quais se tenta interpretar mudanças na condição humana, e com isso reinterpretar experiências.

De qualquer sorte, deve-se entender a filosofia hermenêutica, ou por outra, a atitude hermenêutica na formulação dos problemas filosóficos, como uma das vertentes do historicismo. A flexibilidade oferecida pela atitude hermenêutica tem como pressuposto o relativismo histórico. Este relativismo tem sido um dos lados positivos da vasta crise contemporânea, e deve ser administrado como humanismo e como perspectiva crítica. Apesar da incompreensão de muitos em relação ao que se chama historicismo (que se confunde às vezes com o mero relato histórico), é dentro da reflexão filosófica que se devem entender o relativismo e a

hermenêutica. A própria busca de referências estáveis - inclusive a referência a valores - deve ser norteadada pela compreensão da filosofia como parte da cultura, ou seja, da experiência humana. Experiência que se pensa a si mesma, e se reencontra dentro do conhecimento histórico. Já não há estaca zero no pensamento filosófico.

O que importa, portanto, é justapor a continuidade ontológica do humano às suas variações históricas. A permanência do humano e a renovação dos questionamentos garantirá a permanência do pensar filosófico, queiram-no ou não os agentes funerários.

Recife, 24 de maio 95